

“TRANSCENSÃO” EM DELFIM SANTOS

1. Filósofo e pedagogo português, Delfim Santos, professor da Faculdade de Letras de Lisboa, onde leccionou as disciplinas de Pedagogia e Didáctica, História da Educação e Psicologia Escolar, pertenceu a um grupo de pensadores, defensores da especificidade da cultura portuguesa, como valor a preservar e insurgiu-se contra uma série de procedimentos desvalorizadores da realidade humano-cultural da época.

Francisco da Gama Caeiro, no seu artigo «Da Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa», ao referir-se a ele, escreve o seguinte:

“Em Delfim Santos dá-se o ponto de encontro entre a filosofia contemporânea e o pensamento filosófico português. Contribuiu para restaurar a credibilidade universitária, para restituir a dignidade intrínseca ao estudo das expressões superiores do pensamento filosófico português”¹.

2. Pretendemos esclarecer o conteúdo do vocábulo “Transcensão”, (des)velando-o, ou penetrando no seu âmago, conceito aquele que, em Delfim Santos, autor que intencionalmente revalorizamos, dada a perenidade do seu pensamento, assume um tom inovadoramente significativo. Contextualizado numa Filosofia de Vida que é também uma Filosofia da Educação integral e concreta, a “Transcensão” promove a qualidade humana, levando-nos a redefinir o que se entende por sucesso colectivo.

Se a complexidade tipifica esta palavra, o que se pressente pelo chamamento de vários domínios, saberes², auxiliando-se na compreensão daquela, trespassando-a numa abordagem que lhes parece ser própria, porém a coerência não deixa de defini-la, em termos de essencialidade e sentido. Este verbum (que ultrapassa o momento da enunciação, porque permite algo de concreto, originando um determinado efeito) racionaliza-se, ao assumir o estatuto de instrumento cognitivo (a “Transcensão” significa a

¹ CAEIRO, Francisco (da) Gama; «Da Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa» (Separata da *Revista da Faculdade de Letras – Universidade Clássica de Lisboa*), 1983, p. 32.

² O desmantelamento do termo, com vista à sua clarificação, postula a premência de uma abordagem, recorrendo-se a estratégias interpretativas circunscritas a domínios diversos: Logoterapia, Filosofia e Psicologia da Filologia, Filosofia da Comunicação, Ontologia da Linguagem, Semântica Intencional, Filosofia e Metafísica do Sentido, Pedagogia do Conceito, etc.

execução de um acto de conhecimento, permitindo que o mesmo se execute) e, por isso mesmo, comunicativo (reúne em si a receptividade e a plausibilidade, como som e sentido). É que o sentido do próprio ser da “Transcensão” remete-nos, como veremos, para a análise do sentido como ser em si (lógico e axiológico), espalhando-se no contexto, não só da Filosofia do Sentido, mas também no da Metafísica do Sentido.

Torna-se, assim, notória a contextualização da nossa palavra-chave em áreas dificilmente delimitadas e legitimadas pela tomada de decisão, ao clarificarem o conteúdo daquela, como as da Filosofia da Filologia e Psicologia da Filologia, Semântica Intencional e mesmo a da Pedagogia do Conceito, denominadores comuns que ao perceberem as diferenças advindas da complexidade, se assumem como enfoques interpretativos e analíticos, processos de apreensão e interiorização do conteúdo do conceito, postulados como sua explicitação

3. Concluamos então que o seu conteúdo é rico em significações, não se esgotando em explicações unidimensionais, mas devendo um pouco a todas. A intencionalidade da Semântica que o prescreve representa o exemplo mais concludente, quando àquela irmanamos uma Logoterapia, terreno movediço, onde necessitamos de nos movimentar, se quisermos chegar ao cerne da questão.

A insistência e (da) necessidade deste exercício transcensionalmente involutivo presente-se na acepção pleonástica do sufixo (ão) de tonalidade enfática (tal como o prefixo trans) que encerra, em si, um valor simultaneamente expressivo e lógico, repercutindo-se num alongamento ou duração do acto. Assumindo-se, através de uma teorização actuante, como a razão de ser do ser (homem como personalidade), como ser onto-referencial, consoante a focalização adoptada, a palavra “Transcensão” permuta-se em estratégia de entendimento, em esquema da sua própria interpretação e explicação, da acção humana como realização.

Delfim Santos, bem situado no âmbito de uma Logoterapia, associou-se, neste caso, a Fidelino de Figueiredo³ para quem “significar é pôr uma razão de ser”.

Por outro lado, a linguagem que a palavra, em sentido restrito, representa, ao personificar-se, institui-se como livremente criadora, sendo a inesgotabilidade e a qualidade da energia comunicativa reveladoras do próprio homem.

Projecto e intersubjectividade comunicativa remontam a uma intratranscendência, a qual não passa de uma transcendência incognoscível, na medida em que a cognoscibilidade jamais é total e completa.

4. A palavra, nomeadamente “Transcensão”, empenha-se na sua metamorfose, como forma livre, coesa e hegemónica, apesar da sua identidade de sentido, com outras (por exemplo: ascensão, transcendência), referenciais ou símbolos-paradigmas, das quais se formou. O problema da depreensão do nosso vocábulo remete-nos para a questão da herança vocabular básica, esta última responsável pelas similaridades que reincorporadas numa estrutura nova (e mais adequada à especificidade da mensagem a transmitir e à intelegibilidade de uma situação diferente das anteriores), originaram o nosso conceito.

³ CARVALHO, Amorim (de) « Fidelino: Um filósofo da transitoriedade », Boletim n.º 19, Língua e Literatura Portuguesa, n.º 353, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1974, p. 108

Devendo pouco à inovação terminológica, mas muito ao ímpeto interpretativo crítico do homem (autor, manuseador e mantenedor do mesmo), a «Transcensão» nasceu de uma disposição de elementos, após de-composição de outros componenciais de vocábulos semelhantes, quer na Etimologia, quer na Semântica, ou mesmo na Fonética.

Sobressai como um signo translinguístico que proporcionará, sempre que solicitado por factores endógenos e exógenos, a recuperação da sua interrogatividade.

5. Delfim Santos perspectiva a “Transcensão” como um acto de conhecimento empreendido, já que se trata de um (pro)jecto, por um sujeito motivacional, ou melhor, pela Pessoa⁴, por um ser energeticamente transiente que, ao ser autor deste exercício, sendo realmente no momento em que o executa, é também actor, adaptando-se numa busca apreensiva do seu próprio ser e tornando-se apto pelo re-conhecimento do que realmente é.

Delfim Santos, tendo-se revelado um analista excepcional, socorre-se nesta análise da Antropologia, Gnoseologia e Ontologia, ao referir-se a aspectos respeitantes a uma teoria-prática da Personalidade, nomeadamente dos tipos, das categorias e dos estratos e denotando um conhecimento profundo de autores como Heidegger, Husserl e Hartmann, de entre tantos outros.

Como ser motivacional, o sujeito personal transubstancia-se, contiguizando a um expressivo-simbólico (o conhecimento da simbologia da palavra) um impressivo-real (o seu verdadeiro significado, inviolável a arremetidas sectorizantes e unilaterais).

Ao tomarmos a ousadia de assemelharmos o conceito de “Transcensão” ao usado mentalmente pelo Prof. Dr. José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, o de “suprassunção”⁵, visionamo-lo na sua dimensão de crescimento, maturação, de purificação e elevação espiritual do eu, o que só no plano personológico adquire a significância devida, sobrevalorizando-se a sua acepção de carácter moral, isto é, o valor ético do seu significado.

A Gnoseologia do vocábulo funciona como propedêutica a uma ética vivenciada. Origina-se um reequilíbrio (também ele transcensional) vulnerável à interferência do Espírito, perspectivado este como metacompetência.

Situamo-nos numa teleologia autotélica, visto que o voluntarismo deste acto (de conhecimento), em nada fortuito ou acidental, faz sobressair, neste movimento ou processo, um sujeito mental e, acima de tudo, moral, evidenciando-se uma coerência, pela coexistência de dimensões, na continuidade gradativa e ascensional. Os estratos, até então conhecidos à maneira de categorias (matéria, vida, psique, consciência e espírito) constituem, a seu modo, valores numa hierarquia que os relaciona, cabendo ao Espírito, estágio mais avançado, às vezes tomado como Consciência pura, o papel mais importante, após consciencializar a ultrapassagem dos anteriores e a importância da função dos mesmos. Sendo uniplural, o Espírito promove (e, por isso mesmo, provoca essa promo-

⁴ Pessoa é algo que para Delfim Santos se encontra entre o ínfimo (indivíduo) e o máximo (personalidade) destacando-se do primeiro grau (indivíduo) que por sua vez é secundarizado, e já apontando para o segundo, isto é, para a personalidade.

⁵ GODINHO, Cecília Maria (da) Silva, *A Transcensão em Delfim Santos* (Tese de Mestrado em Filosofia da Educação), Capítulo II, Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 1995, p. 58

ção) a valorização humana. Como auge de uma escalada, o Espírito, para Delfim Santos, é também o fundamento e referencial de uma Personalidade desalienada, é potencial operador de harmonia que aquela recupera numa síntese revalorizadora da essência, o que só num estágio trans-objectivo de superação da existência, mas necessitando deste para ser alcançado, se consegue, digamos mesmo numa trans-subjectividade.

Descubramos no Espírito a apetência disponível que o caracteriza sempre que des-potencializa, des-substancializa o todo, para que na concentração da sua complexidade metamórfica, reencontre o eu puro, a perfeição. Identificados Espírito e Consciência (intencional) somos levados a concluir que intento e conhecimento são uma e a mesma coisa, isto é que o “estar -no-mundo” é já o “estar-no-mundo-para-alguma-coisa”⁶, que o pensamento é já acção-processo.

No entanto, jamais esqueçamos que a intencionalidade do pensamento reivindicase-se como um reflexo da liberdade do ser, o que leva José Gomez Caffarena⁷ a identificar “ordem de razão” com “ordem de liberdade”, esta última como condição da responsabilidade moral.

Todos os estratos da realidade referidos constituem nominações que se presentificam como aconteceres, num percurso, mais entendido como transcurso, revalidando-se a essência do conceito “Transcensão” como metaconceito.

6. O Homem apresenta-se como um ser fronteiroço, é um “homem-vigil”⁸, diz Delfim Santos, autonomizando-se por intermédio do diálogo entre a essência e a existência, a imanência e a transcendência, o idealismo e o realismo. Neste entendimento, reside a sua dimensão de (e na) autenticidade, coadjuvando com a tal tendência integracionista, a que já nos referimos e que ao integrar os diferentes momentos ou patamares de inteligibilidade como estados sucessivos de um tempo único, permite-nos definir o sujeito como autoconsciência. Este, ao participar no ser-que-só-é-sendo, transforma-se em instrumento devolutivo da reflexão que lhe cabe, por direito e por dever.

Este procedimento que consiste na divisão em estratos ou categorias é apanágio da estruturação e sobretudo da integridade do ser, da pluralidade ou riqueza da sua unidade.

A intensidade da vontade, de uma vontade consciente e, por conseguinte, bem direccionada, vontade que o autor Fidelino de Figueiredo⁹ associa a bondade, constitui uma qualidade preponderante, na medida em que se conjuga sapientemente com noções como as de liberdade e responsabilidade.

Encontramo-nos no momento em que a Personalidade deve ser retomada na sua autotranscendência (definida esta como demarche pessoal, inconfundível e voluntária), numa recondução involutiva de labor essencialmente reflexivo, como interpersonalidade.

⁶ SANTOS, Delfim; *Obras Completas*, Volume II, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1971, p. 441.

⁷ GÓMEZ CAFFARENA, J., *Metafísica Fundamental*, Ediciones Cristiandad, Madrid, s/d, p. 244

⁸ SANTOS, Delfim; *O. C.*, Vol. II, p. 14.

⁹ GODINHO, Cecília Maria (da) Silva; *op. cit.*, Capítulo I, p. 35.

A “Transcensão” como autotranscendência confina-se à reposição consciencializada da Personalidade, auxiliada pelo Espírito, perscrutador da mesma e pela vontade (carácter volitivo e empreendedor do sujeito), como instrumentos de desenvolvimento da Personalidade.

A responsabilidade não é só um denominador distintivo, como também promove um programa dialéctico de personalização. Ser responsável é participar no projecto de transfinito aperfeiçoamento existencial e colectivo, sendo essa transfinitude de carácter mais intensivo que extensivo.

Delfim Santos e outros autores não deixam de sublinhar que a autonomia deve ser encarada como “processo de autonomização”¹⁰, como re-fazimento constante, como perfectibilidade (“razão de ser da liberdade”)¹¹, como encaminhamento processual e cognitivo, isto é como “Transcensão”.

Evoquemos dois autores familiarizados com abordagens deste teor, René Schérer e Arion Lothard, para os quais “a intencionalidade não é possível senão sobre o fundamento da transcendência”¹², transcendência esta que para Delfim Santos é retroactiva e fundacional, retro-processualidade em que o sujeito se apreende apresentando a sua própria intimidade descobridora.

Conciliar “Transcensão” com operacionalidade (à maneira de artisticidade) é, sem dúvida nenhuma, entendê-la, como bem a entendeu o nosso autor, o qual realçou a criatividade expansiva do íntimo do ser do homem, sinal da sua indefinida compleição e do ajustamento que exerce na continuidade do devir da sua existência. Este existir não deve ser tomado como desenfreamento ontológico, mas sobretudo como disciplina mental, indispensável na trajectória espiritual que define o homem e o enriquece, ao perseguir uma finalidade de alcance colectivo e ecuménico, ao assumir-se como co-participante de uma interioridade universal.

7. A intencionalidade das relações interpessoais só se compreende na e pela convergência das intencionalidades individuais, encontrando-se subjacente a esta compreensão empática a capacidade para efectuar a ligação. Como afirma Nicolau Berdiaeff, “A comunhão é um acto de transcensão”¹³, o re-conhecimento da essência ou da alma da humanidade constitui um projecto dos indivíduos em comunidade, a aproximação (intra) e extra-empática representa um estado de supra-consciência, representa a “Transcensão”. A envolvimento (convivência) e convivência tendem ao reequilíbrio e engrandecimento do todo.

Em suma, só é possível passar-se da antropovisão para a sociovisão pela co-responsabilização e, conseqüentemente, a coexistência dos valores declina para a supremacia do valor da tolerância.

O sentido colectivo da responsabilidade encontra-se intimamente relacionado com a problemática do auto e hetero-aperfeiçoamento, contribuindo ambos para uma abordagem mais completa do que se entende por “Transcensão”, em Delfim Santos.

¹⁰ GODINHO, Cecilia M.ª (da) Silva; *op. cit.*, Capítulo II, pp. 48-59.

¹¹ *Id.*, *Ibid.*

¹² SCHÉRER, René e KELKEL, Arion Lothard; *Heidegger*, Éditions Seghers, Paris, 1973, p. 53.

¹³ BERDIAEFF, Nicolau; *Cinco Meditações sobre a Existência*, Colecção Filosofia e Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa, 1961, p. 160.

8. Agora, detenhamo-nos nas tríades operadas e assumidas por autores, as quais apresentam características importantes, tendo em vista um esclarecimento mais aprofundado da nossa problemática.

Referimo-nos à associação de conceitos, como os de percurso, criação e transformação (em Delfim Santos)¹⁴, sentido, orientação e unidade (em Levinas)¹⁵ e ascese, progressão e consciencialização (em Maria Carmelita Homem de Sousa)¹⁶.

Entendamos estas tríades no contexto da complementaridade de um processo reversível, mas, ao mesmo tempo, unidireccional, de um processo prático-concreto de autodesdobramento, individual e distintivo, embora com ressonância colectiva, tendo em conta o seu lado audível e contagiante, se quisermos, a sua plausibilidade ou a adesão a este projecto. Concebamo-lo, quer na versão da verticalidade (a procura de sentido, da sua razão de ser, como ascendência), quer na da horizontalidade (alargamento e expansão de um projecto comum), quer, ainda, na da profundidade (aprofundamento ou reflexão maturada que cada um, mais como essência, atribui ao sentido da sua própria existência).

Retomando uma das célebres frases de Delfim Santos (“...o homem só é homem, enquanto a si próprio se atribui um sentido”)¹⁷, apercebemo-nos de que a especificidade constitutiva do ser se recupera, podendo ocasionar-se uma perda, que é temporária, mas que o caracteriza e personifica a sua liberdade como exercício de auto-re-conhecimento.

Esta liberdade, entendida então como metaliberdade, assemelha-se a um complexo, em que o respeito pela diversidade sobressai na singularidade de um relacionamento responsável. Deduzimos que a responsabilidade se presencia (enquanto se presentifica) no condutismo individual e no saudável pluralismo decisional, despoletando a potencialidade do homem personal, ele também um complexo, que a Biotipologia, a Psicocaracterologia, a Psicopatologia e a Psicossociologia, como tantas outras perspectivas de análise deste objecto de estudo enigmático, não param de (des)velar.

CECÍLIA GODINHO

¹⁴ GODINHO, Cecília M.^a (da) Silva, *op. cit.*, «Influências em e de Delfim Santos», p. 13

¹⁵ BRITO, José Henrique Silveira (de), «O sentido para lá do ser», *Revista Portuguesa de Filosofia* – Braga, Tomo XLVIII, Fasc. 3, 1992, p. 472.

¹⁶ SOUSA, M.^a Carmelita Homem (de), «Quando Heráclito parecia olhar o ser», *Revista Portuguesa de Filosofia* – Braga, Tomo XLII, Fasc.s 3-4, 1983, p. 385.

¹⁷ SANTOS, Delfim; *O. C.* Volume III, p. 520.